

Modulação pulsional do tempo

MARIA ANGÉLIA TEIXEIRA

Lembra-te que o tempo é um jogador que ganha todos os lances sem roubar.
C. Baudelaire

O tempo é condição necessária para falar de subjetividade. Regularmente, evocamos a dimensão topográfica do aparelho psíquico na obra de Freud. Entretanto não foi por ele ignorada a dimensão temporal da subjetividade e suas incidências clínicas. Desde cedo, Freud apresentou suas hipóteses psicanalíticas sobre o tempo, retomadas posteriormente por Lacan. Podemos, resumidamente, citar cinco referências importantes em sua obra: o inconsciente não conhece o tempo, é atemporal, intemporal, como está posto na 'Interpretação dos Sonhos', entre outros textos; a concepção de indestrutibilidade do desejo, extensivo aos processos inconscientes, os quais não estão submetidos aos desígnios do tempo; o tempo da subjetividade, que só pode ser recuperado *a posteriori*, só depois – *nachträglich*, significante utilizado por Freud, *après-coup* foi a tradução adotada por Lacan; a importância da experiência sexual infantil ou da neurose infantil para a constituição da neurose.

A quinta referência é a relação do tempo com a fantasia. Esta merece destaque. Freud situa a fantasia flutuando entre três tempos: o trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, no *presente*, capaz de despertar um dos principais desejos do sujeito; dali retrocede à lembrança de um acontecimento *pretérito* que pode criar uma situação referida ao *futuro*, por representar a realização, a satisfação do desejo, a partir das marcas da lembrança. No texto "Escritores criativos e devaneios" conclui "que o pretérito, o presente e o futuro aparecem entrelaçados pelo fio do desejo, que os une".¹

Freud concebeu o registro do tempo presente como uma operação fundamental da consciência, esta definida como um estado mental operando numa determinada temporalidade. Assim, circunscreveu a subjetividade nas três dimensões temporais conhecidas.

¹ Freud. "Escritores criativos e devaneios", (1908[1907]/1987, p. 153).

De forma única e exaustiva, Lacan exaltou a importância das dimensões temporais da subjetividade, formulando teorias de máximo valor, que imprimiram grandes modificações clínicas: o tempo da sessão é lógico, e não cronológico; defende a análise finita, formulando algumas concepções do seu final; a transferência, ou seja, a suposição e dessuposição de saber ao analista é o tempo da análise; cria uma nova divisão subjetiva para o tempo, entre outras proposições. Constrói, enfim, uma máquina do tempo, utilizando alguns recursos próprios da sua época.

Lacan escreve, em 1945, o texto "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma"², dividindo o tempo em dois: lógico, e cronológico. Modula o tempo lógico em três escansões: a primeira é o instante de ver, ou de olhar; a segunda, o tempo para compreender; a terceira, o momento de concluir.

Partimos desta breve indicação de Lacan que parece merecer atenção. Modular o primeiro momento do tempo como um instante de ver, como sendo o olhar, ganha importância porque remete o tempo diretamente ao campo da pulsão, reconhecendo a existência de uma pulsação temporal. Também leva a crer que há uma tensão temporal, própria a cada um dos três momentos, ou ao menos na primeira tensão - o instante de ver - tal qual a tensão temporal atribuída ao momento de concluir.

O inconsciente não conhece o tempo. Já que as dimensões do tempo podem ser tantas, de qual delas falava Freud? Do tempo cronológico, teoriza Lacan. E a pulsão, em qual das dimensões do tempo poderia se inscrever? De acordo com as proposições acima apresentadas, entre modulações e escansões, poderíamos colocar o problema de outro modo e, inversamente, perguntar se há uma dimensão pulsional do tempo.

Neste precioso estudo psicanalítico sobre o tempo, que vimos empreendendo há dois anos, a relação pulsão/tempo ou o gozo do tempo foi crescendo como uma importante questão, que identificamos presente na clínica de várias maneiras.

As considerações teóricas sobre o tempo apresentadas por Freud e Lacan são fundamentais para esclarecer alguns aspectos relativos aos analisandos, especialmente e sintomaticamente, embaraçados com o tempo. As proposições favorecem a leitura clínica que reconhece haver dimensões de satisfação inerentes ao tempo, ou seja, reconhecem o gozo do tempo, que passo a adotar

² Lacan. "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada", (1945/1998).

em lugar de pulsão.

Essa formulação que estamos tentando valorizar e desenvolver aparece no avesso do que usualmente se faz. Tende-se inadvertidamente a limitar a questão, por exemplo, isolando-se o tempo necessário para que a pulsão faça seu circuito. Ao contrário, tentamos identificar as modalidades de gozo do tempo e suas escansões, para reconhecer que o tempo não está a serviço da subjetividade, pois o tempo é subjetividade, o tempo produz gozo enquanto atributo da subjetividade.

Antes de tudo, ele é um significante. “A paixão do significante manifestando-se como paixão do tempo.”³ Prescinde da objetividade do espaço e, em lugar de ser tomado como um elemento da natureza, deve ser tomado como um significante fundamental da estrutura de linguagem, o qual requer vários tratamentos e pode ser identificado em várias dimensões da constituição da subjetividade e, essencialmente, é temporal. Mais precisamente, o ordenamento da cadeia significante é temporal, e o sujeito pontual e evanescente, aí produzido, pode ser aproximado da temporalidade do instante de ver.

Em seu texto “Posição do inconsciente”, sobre essa condição temporal do sujeito, Lacan disse: “[...] o sujeito traduz uma sincronia significante em uma primordial pulsação temporal.”⁴ Ele é, afinal, o que a cadeia significante veicula.

Podemos, assim, dizer que, se o homem *inventou* o tempo, o tempo *inventa* o homem, tal qual a linguagem, vejamos: apressados, atrasados, fleumáticos, serenos, agitados, impacientes, entediados. Sabemos o peso que os significantes eterno, infinito, imortal, ressurreição, renascimento, anacrônico, velhice, atraso, hora, minuto e prazo têm nas nossas vidas. Por tudo aqui reunido, não seria o tempo uma das modalidades do grande Outro? Não por acaso o poeta canta: ‘o acaso vai me proteger’...

O tempo traz complexidade de toda ordem, aparecendo nos caprichos mais marcantes dos Deuses das mitologias, das lendas, das religiões, e é tema de estudo e pesquisa em vários campos do conhecimento. Na filosofia, na literatura, em o ‘O retrato de Dorian Gray’, especialmente na poesia, (o poeta Vinicius vaticina “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”, o amor..., evidentemente), na música, na matemática e na física, com suas sucessivas teorias. Newton deu

³ Soler. “O tempo que falta”, (2008, p.129).

⁴ Lacan. “Posição do inconsciente”, (1960/1998, p. 853)

ao tempo toda autonomia, emancipando-o do espaço; Einstein questionou o caráter absoluto do tempo newtoniano, criando a noção de relatividade.

A psicanálise, particularmente em Freud e Lacan, também fez largo uso do tempo para entender a constituição da subjetividade, seu *pathos* e seu manejo clínico, dando suas contribuições teóricas esclarecedoras. Se a topologia é a ciência que se ocupa do espaço, talvez, a psicanálise esteja contribuindo com um futuro campo que venha, pontualmente, se ocupar do tempo.

Nada mais real e demasiadamente humano que a angústia em sua relação com o tempo, esse tempo que tem afinidades com o objeto *a*. Desta perspectiva podemos dizer que o tempo não apenas faz sintoma, mas ele é sintoma.

Trazemos pequenas observações clínicas sobre os que padecem do tempo para mostrar que ele é subjetividade e gozo. Vimos conferindo certas curiosas repetições relativas ao tempo apresentadas por alguns analisandos. Deteremo-nos especialmente em um caso, o de um homem extremamente disciplinado, organizado, metódico, obediente à sua rígida rotina. Tudo parecia estar sob controle, afora sua imensa angústia. Fala do sofrimento experimentado frente ao temor de ver falhar o seu controle milimetricamente construído e preservado. À primeira vista, ou fenomenicamente, tudo poderia simplesmente parecer um ritual obsessivo. Contudo, associativamente, aparece na análise o signifiicante acaso, passando o paciente a falar exasperado do horror ao imprevisto. Aparelhava-se ele com todos os métodos seguros para se prevenir do acaso e do imprevisto. Metonimicamente, entra em jogo no trabalho analítico o horror ao futuro, o temor de não poder garantir o futuro e, finalmente, de não ter como se proteger da morte. Conjeturamos: um homem que tem horror ao acaso, que tem horror à contingência e ao futuro. Estavam em jogo as incidências do real, manifestando o impossível a dizer sobre o tempo e sobre a morte.

Dessa perspectiva, podemos dizer que o tempo em si não apenas traz, inevitavelmente, a própria questão da morte, mas é, ao mesmo tempo, o elemento que nos permite certa aproximação da morte, pois, como o sol, não se pode encará-la de frente.

Um homem se aflige demasiadamente com o futuro porque não pode ter certeza do que lhe acontecerá; vive o presente

imerso na angústia, por não poder garantir tudo que conquistou e mantém sob controle. O tempo futuro o ameaça. Sofre pelo que poderá perder. Particular gozo da dúvida conjugada no futuro. Particular gozo da antecipação de uma possível ruína. Possível dívida futura.

Alguns sofrem de reminiscências: conjugam o gozo no tempo passado, lembrando nostalgicamente ou conjurando o passado, no qual estão fixados, tal qual os melancólicos. Outros gozam com o futuro, na esperança de resolver os seus impasses, exultam com o futuro que nunca chega, sempre adiado. Aqui se encontra o maior exemplo do jogo com o tempo, a procrastinação. Temos bons exemplos entre os obsessivos. Os maníacos gozam do presente, sofregamente consumindo tudo hoje. O presente é também a medida de segurança dos fóbicos.

Quando o homem cogita, quando sintomatiza, quando age, seja em que esfera for, goza do tempo. Enquanto o sujeito se apresenta como um gozo pontual e evanescente, o gozo do objeto *a* exige outras escansões. É entre o *sujeito* e o *objeto a* se encontram as modalidades de gozo do tempo em sua dimensão real.

Entre temer o futuro e nele depositar as esperanças, vacilasse, báscula do ser falante. É de grande valor o gozo produzido pela expectativa do futuro: o que serei? O gozo de conjeturar a morte como tempo final. O gozo da espera e do porvir. Os que sofrem do tempo, de atrasar ou de antecipar. O gozo da morte, enfim.

Curiosamente, entre o passado e o futuro, o presente não joga o peso maior na existência do indivíduo. Ele acaba limitando-se a essa contagem de tempo, que não se sustenta senão do futuro anterior, do que tivera sido, conjugando passado e futuro. Vivemos entre o passado e o futuro, o presente é, sobretudo, o instante do ato em que aparece o sujeito dividido. Esse é um dos grandes desafios da análise: fazer uma nova equação temporal, presentificando em ato a experiência do inconsciente.

Em "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", ao construir o grafo do desejo, Lacan volta a destacar a questão do futuro anterior para os franceses ou o futuro composto do modo indicativo na gramática brasileira ao se referir ao "efeito de retroversão pelo qual o sujeito, em cada etapa, se transforma naquilo que era, como antes, e só se anuncia "ele

⁵ Lacan. "Subversão do sujeito e dialética do desejo", (1960/ 1998, p. 823).

terá sido", no futuro anterior"⁵.

A formulação do tempo lógico proposto por Lacan é uma formulação das modalidades subjetivas do tempo, ou seja, modalidades de gozo do tempo, que vem esclarecer a função do tempo na clínica, a função da pressa: *la hâte*, do verbo *hâter*, que diz respeito a precipitar o momento de concluir seja da sessão, seja da análise.

Partindo de tal dimensão subjetiva do tempo, explica-se a função da pressa - *la hâte* - no ato analítico. Isto é, Lacan propõe recorrer aos recursos do tempo nas formas da pressão/pressa/precipitação, para dar atualidade ao gozo. Requer pressa, como condição para produzir efeitos analíticos sobre as escansões do gozo. Sabe que tempo é subjetividade e gozo.

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. "Escritores criativos e devaneios." In: *Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, Volume IX.
- LACAN, Jacques. "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. "Posição do inconsciente". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. "Subversão do sujeito e dialética do desejo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- SOLER, C. "O tempo que falta". In: *Os tempos do sujeito do inconsciente*. Salvador: EPFCL-Brasil, 2008.

RESUMO

Neste trabalho tenta-se identificar as modalidades de gozo do tempo e suas escansões, para reconhecer que o tempo não está a serviço da subjetividade, posto que o tempo é subjetividade, o tempo produz gozo enquanto atributo da subjetividade. Antes de tudo, o tempo é um significante e dessa condição temporal do sujeito se traduz uma sincronia significativa em uma pulsação temporal primordial. Estas formulações teóricas têm a finalidade de esclarecer a função do tempo na clínica psicanalítica.

palavras-chave

tempo lógico e cronológico, gozo, subjetividade e acaso.

abstract

This essay is intended to identify the types of enjoyment of time and its scope of modulations in order to recognize that time is not at one's subjectivity service, once time itself is subjectivity. As an attribute of subjectivity, time produces *jouissance*. Before anything else, time is a *signifier* and, from this subject's temporal condition, a signifier synchrony is translated into a primary temporal instinct (*drive*). These theoretical elaborations aim to clarify the function of time in the Psychoanalysis clinic.

key words

chronological and logical time length, *jouissance*,
subjectivity and chance

recebido

09/08/2008

aprovado

22/10/2008